

Pelas trilhas do sertão maranhense



Samara de
Almeida Ramos

Capa

Samara de Almeida Ramos

Imagem da Capa

Layla Adriana Teixeira Vieira

Texto

Samara de Almeida Ramos

Revisão

Alan Kardec Gomes Pachêco Filho



Este material foi elaborado como produto para o Mestrado Profissional em História, da Universidade Estadual do Maranhão (PPGHIST-UEMA), sob orientação do Prof. Dr. Alan Kardec Gomes Pachêco Filho. A pesquisa contou com o apoio financeiro da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA.

Ramos, Samara de Almeida.

"Pelas trilhas do sertão maranhense". – São Luís, 2020.
48 f.

Produto educacional da dissertação História Local e ensino: o sertão do Maranhão nos anos finais do ensino fundamental.

Orientação Prof. Dr. Alan Kardec Pachêco Filho.

1. Ensino de História local. 2. Literatura. 3. Sertão. 4. Maranhão. Título

CDU 93/94: 94 (812.1)

Estimado Estudante:

A elaboração deste livro cumpre dois objetivos: a exigência do PPGHIST-UEMA, e de tornar acessível para estudantes do Ensino Básico, das séries iniciais, a história do sertão maranhense, pois acreditamos ser de suma importância o conhecimento da nossa história local. Tão pouco conhecida por nós, maranhenses, principalmente no que se refere aos fatos ocorridos no sertão.

Assim, no primeiro capítulo você vai conhecer um pouco da evolução etimológica do verbete sertão. O segundo capítulo levará você a saber, a frente de “reocupação” da capitania do Maranhão que ocorreu no final do século XVIII, e que deu origem a uma outra forma de sociedade, a qual é retratada no terceiro capítulo do seu livro. No quarto e último capítulo, você vai aprender que o sertão maranhense estava inserido em políticas e programas reformistas de Portugal na virada do século XVIII para o XIX.

Assim, desejo-lhes uma boa viagem pelas trilhas do nosso sertão.

Boa Leitura;

A autora.



SUMÁRIO

Capítulo 01: O sertão: conceitos e temporalidades.	05
Capítulo 02: Configuração do espaço.	10
Capítulo 03: A dinâmica social do sertão maranhense.....	25
Capítulo 04: A emergência do sertão.....	36
Referências.....	45

Capítulo 1

O Sertão: conceitos e temporalidades.

Você sabe como e onde a palavra sertão começou a ser usada?

A palavra sertão é uma expressão de origem africana que foi sendo modificada ao longo do tempo, no início foi escrita como “mulceltão”, posteriormente “celtão”, e, por último “certão”. Levada para Portugal com o sentido de “desertão” (deserto grande), a grafia foi mais uma vez modificada para “sertão”, como a conhecemos hoje. O termo foi usado desde o início para designar lugares distantes do litoral (interior), e dos centros administrativos.

Em Portugal, sertão foi um termo muito usado, principalmente para tratar dos lugares distantes de Lisboa. A expressão foi trazida para o Brasil com a chegada dos portugueses, e no século XIX já era uma palavra integrada ao nosso vocabulário. Assim, foram atribuídos outros significados ao termo, como por exemplo, associado ao semiárido e a pecuária.

No século XIX, o vocábulo era comumente usado para identificar áreas pouco povoadas do Brasil colonial (sem a presença do não índio/“branco”), e também designava áreas secas (nordeste brasileiro), ligadas a atividade econômica da criação do gado.

GLOSSÁRIO

Semiárido: É um tipo climático característico de lugares que as chuvas são escassas e as temperaturas são elevadas.

A partir do século XIX, alguns autores tiveram o sertão como tema de suas obras. Na literatura, o termo está quase sempre atrelado a duas perspectivas: a do romantismo, que tratou o sertanejo como possuidor da nacionalidade brasileira, aquele que detinha as características essenciais para formar a nação (forte, vencedor, simples). E a perspectiva realista tratou que o espaço sertanejo como sendo um atraso a construção da nossa nacionalidade e símbolo da incivilidade.

Algumas obras literárias produzidas sobre o sertão:

ALENCAR, José de. *O sertanejo*, Martin Claret, São Paulo, 1875.

NETO, Coelho. *O sertão*, Porto: Lelo&Irmão, Lisboa, 1921.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão veredas*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2006

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*, 74ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

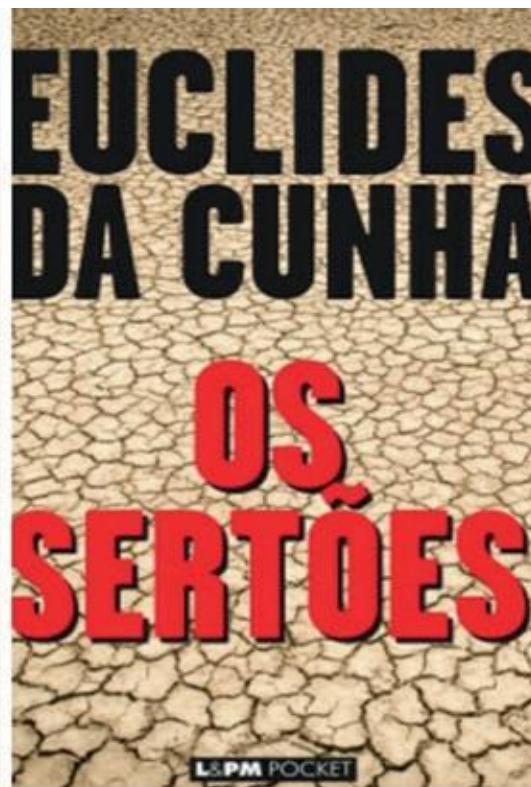


Uma importante obra literária que influenciou bastante na construção das representações do sertão no imaginário brasileiro foi “*Os Sertões*”: *campanha de canudos*, publicado em 1902, de autoria de Euclides da Cunha. O livro foi dividido em três seções: a terra, o homem e a luta e teve como objeto principal a batalha de Canudos ocorrida no sertão da Bahia em 1896, esse clássico da nossa literatura consagrou uma visão de sertão, atrelado às características geográficas do semiárido e da seca.

Sertão da Bahia



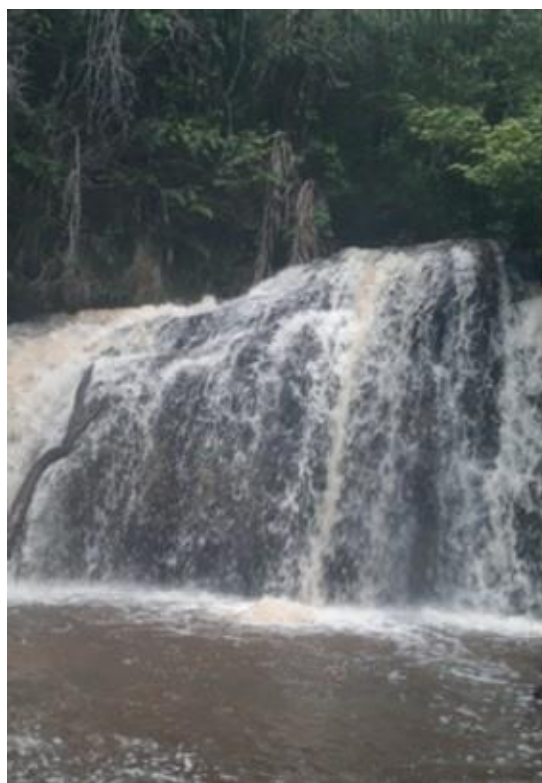
Capa do Livro, Os sertões



Fonte: <http://editoraunesp.com.br/blog/autor-de-os-sertoes-euclides-da-cunha-completa-151-anos/>
<https://livraria.nandomoura.com/os-sertoes>

A obra de Euclides da Cunha consagrou no imaginário social brasileiro uma única visão de sertão, ligado a seca, enquanto o sertão maranhense é oposto a esse retratado pelo livro “Os sertões”, o do nosso estado possui características geográficas opostas à seca e aridez do solo. O sertão recebeu de uma estudiosa sertaneja, Carlota Carvalho a denominação de “Mesopotâmia (lugar entre rios) do meio norte”, região banhada por vários rios, e em especial o Parnaíba e o Tocantins.

Cachoeira Suçupara
(Grajaú-Maranhão)



Livro O sertão
(Carlota Carvalho)



Foto: Samara Ramos (2019)

“*O sertão: subsídios para a História e a geografia do Brasil*” é uma das principais referências sobre a história e geografia do Maranhão, na obra o objetivo central da autora foi retratar aspectos da geografia do sertão; do processo de “reocupação” deste território. Então, o sertão do Maranhão é diferente dos outros do Brasil, pois é uma região rica em rios (rio Grajaú, Mearim, Balsas, Corda, Parnaíba, Tocantins).

Reflita e responda:

A partir das questões discutidas neste capítulo, escreva um pequeno texto sobre o histórico da palavra sertão e as diferenças entre o nosso sertão maranhense o da obra de Euclides da Cunha.





Para aprofundamento da temática:

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. **Estudos históricos**, v. 08, n.15, pp. 145-151, Rio de Janeiro, 1995.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. **História, Ciências, Saúde- Manguinhos**, Rio de Janeiro, vol. V, pp 195-215, 1998.

SOUZA, Candice Vidal de. Fronteira no pensamento social brasileiro: o sertão nacionalizado. **Sociedade e Cultura Revista de Pesquisas e debates em Ciências Sociais**, Belo Horizonte, pp 55-61, 199

SOUZA, Candice Vidal de. **Ver o Brasil, pensar a nação**. In: GALVES, Marcelo Cheche; CURY, Cláudio Engler; Faria, Regina Helena (Orgs). O império do Brasil Educação, Impresses e Confrontos Sociopolíticos. São Luís, EdUEMA, 2015

CARVALHO, Carlota. **O sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil**. EDUFPI, Teresina, 2011.

*E é um pouco da história desse “sertão de águas”
que vamos conhecer nos próximos capítulos!*

Capítulo 2

A conquista do espaço

No século XVIII a atividade açucareira teve forte impulso no Brasil colonial, e essa prática foi essencial para a implantação da pecuária nos engenhos de cana de açúcar em toda colônia.

O boi era usado nos engenhos como meio de transporte e força motriz, e era consumido na alimentação (principalmente a carne), o couro era usado na fabricação de vários objetos de uso doméstico e pessoal.

Porém, tanto o gado quanto a atividade açucareira precisavam de grandes espaços de terras para a produção e criação, a partir disso, os vaqueiros começaram a desbravar os sertões do Brasil em busca de terras férteis para a atividade da pecuária, já que o boi precisava ser criado de forma extensiva (solto) nos pastos.

No Brasil colonial, Pernambuco e Bahia se destacaram como os principais centros de produção de açúcar e dessas duas localidades, com influência da iniciativa privada, saíram os vaqueiros com suas respectivas boiadas para “reocupar” os sertões do Piauí e Maranhão em fins do século XVIII.

Saiba mais:

Usamos o termo “reocupação”, pois o sertão do Maranhão já era habitado por populações indígenas neste período. Sobre essa questão ver o artigo:

*PACHÊCO FILHO, Alan Kardec. A ocupação para fins de colonização do sertão maranhense. In: FERREIRA, Márcia Milena (Orgs). **Histórias sociais do trabalho: uso da terra, controle e resistência**. Café & Lápis, EdUema, São Luís, 2015.*



Os vaqueiros que chegaram ao Maranhão fizeram o percurso saindo da Bahia, margeando o rio São Francisco para o norte, chegando ao sul do Maranhão em fins do século XVIII e denominaram toda essa região de “Pastos Bons”. A conquista do rio Parnaíba foi o ponto de partida para a “reocupação” dos verdes campos sul maranhenses e nas proximidades desse rio foram construídas e organizadas as primeiras fazendas de gado da região.

EXPANSÃO DA FRENTE PASTORIL BAIANA ATÉ O MARANHÃO



CS Scanned with
CamScanner

INDICAÇÃO DA EXPANSÃO

Fonte: CABRAL, Maria do Socorro Coelho. Caminhos do gado conquista e ocupação do sul do Maranhão. 2 ed. São Luís, EdUFMA, 2008, p.80.

Interpretando o mapa anterior, podemos observar o sentido do deslocamento da colonização para o sertão maranhense. A chegada desses vaqueiros nessa região foi marcada por extrema violência, seguida do extermínio das populações indígenas que habitavam aquela região, e que resistiam ao processo de tomada de seus territórios.

Poucas etnias sobreviveram ao processo de conquista, alguns canelas (antigos Kapietrã), Krikati, Gavião e Krahó. Os Acroá (que vivem nas proximidades do rio Balsas) foram os que mais resistiram, para subjugar esses índios, foram organizadas diversas expedições com o objetivo de exterminar os mesmos.

Como viviam essas etnias antes da chegada dos vaqueiros?

Os índios do sul maranhense tinham os mesmos modos de vida dos grupos indígenas que já conhecemos do Brasil colonial, eram caçadores e não pastores, não tinham nenhum conhecimento do manejo com o gado, eram nômades e trocavam de residência quando a caça se encontrava escassa, habitavam em ocas construídas em círculos e no centro havia uma oca maior onde moravam os anciões (índios mais velhos). A comunidade era comandada por um chefe (cacique) que era escolhido para o cargo de maneira vitalícia (para sempre).

Porque “Pastos Bons”

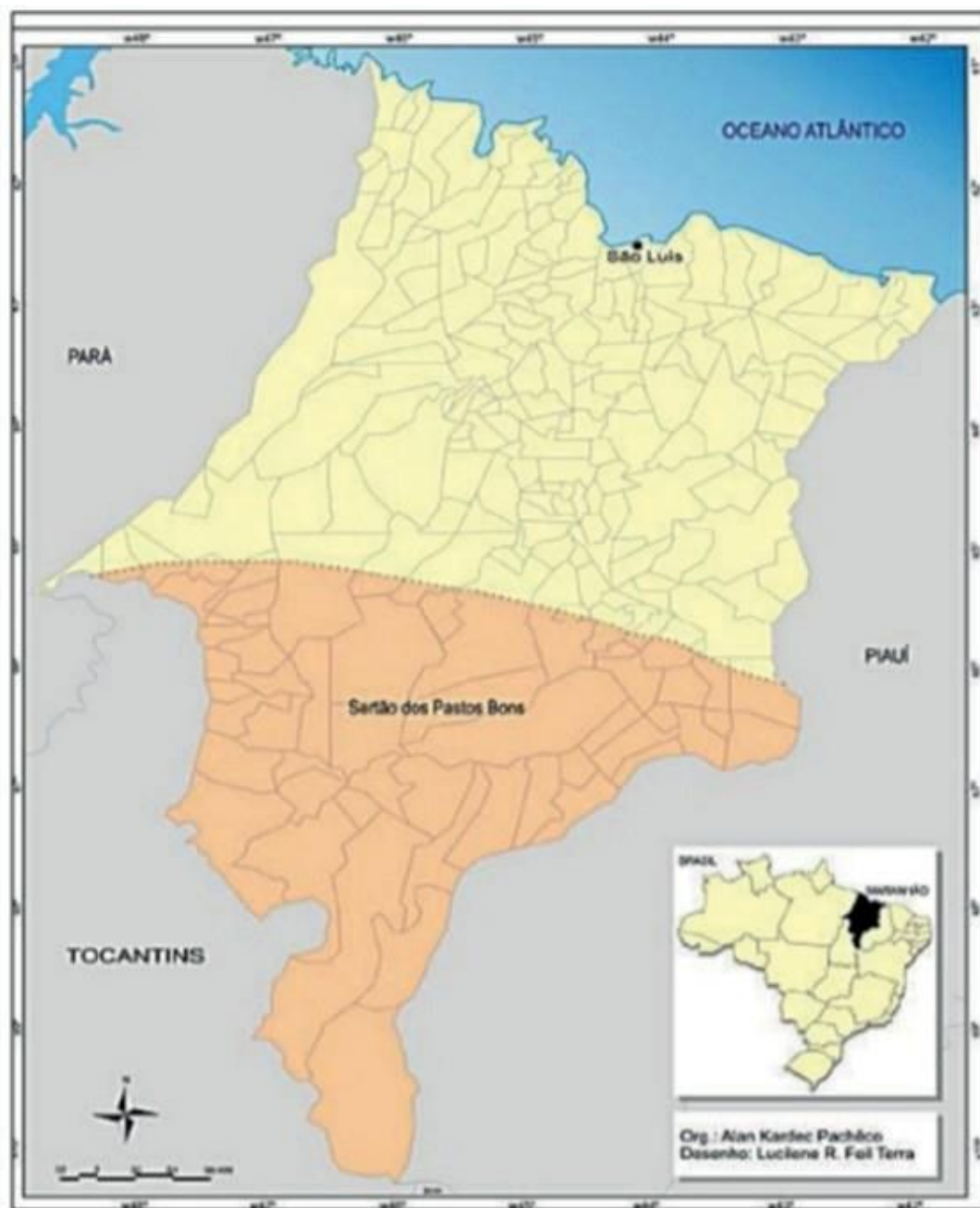
A grande extensão de terra “reocupada” pelos vaqueiros foi denominado de “Pastos Bons” devido a grande riqueza natural, vegetal, e hidrográfica da região, uma localidade propícia para a criação de gado e constituição de fazendas.

Sertão de Grajaú (riqueza dos pastos dessa região)



Foto: Samara Ramos (2020)

Mapa da localização sertão de Pastos Bons.



Referência: PACHÊCO FILHO, Alan Kardec. *Varando mundos: navegação no vale do rio Grajaú*. São Luís: EdUema, 2016, p.51.

O Sertão de “Pastos Bons” compreendia no início da “reocupação” toda essa extensão colorida de laranja, representada neste mapa .

No século XVIII até meados do XIX, o sertão dos Pastos Bons compreendia todo o sul do Maranhão apresentado no mapa anterior, com o decorrer dos anos a região foi se fragmentando e outras povoações foram criadas. São Bento dos Pastos Bons foi elevada à categoria de Vila em 29 de janeiro de 1820.

Pastos Bons-Maranhão



Fonte: <http://wikimapia.org/6035938/pt/Pastos-Bons>

Leis que criaram outras Vilas no sertão:

Lei Nº 07 de 29 de abril de 1835, elevou o Porto da Chapada a categoria de Vila; Lei Nº 67 de 28 de junho de 1838, elevou Passagem Franca a categoria de Vila; a seguir menciono alguns municípios e a data de suas autonomias políticas: Mirador (1870), Loreto (1873) e Nova Iorque (1890).

Partindo de Pastos Bons exploradores apoiados por forças militares “ocuparam” terras em todas as regiões do sertão do Maranhão. A partir desse movimento foram fundadas as primeiras vilas, hoje cidades: Riachão, Grajaú, Carolina e Barra do Corda, que veremos a seguir.

Riachão – A primeira Vila

Em 12 de março de 1798, uma Carta Régia incumbiu às autoridades portuguesas a explorar e povoar o vasto sertão maranhense, os exploradores já bem distantes da igreja matriz de Pastos Bons, e sentindo necessidade de construir um ambiente para oração, se estabeleceram em um território de águas cristalinas, perto da nascente de um rio chamado Maravilha.

Dessa maneira a fundação desse lugarejo em 1808 representou o sucesso desses pioneiros. Por um tempo Riachão exerceu influência econômica e política nas áreas que ficavam próximas aos rios Farinha e Manoel Alves Grande, até Carolina adquirir status de Vila. Atualmente a cidade de Riachão é um importante ponto turístico no sul do Maranhão.

Poço azul- Riachão-Maranhão



Fonte: <https://www.territorios.com.br/mergulho-azul-cachoeiras-riachao/>

Grajaú

No processo de dispersão dos exploradores de Pastos Bons, um deles Antônio Francisco dos Reis que viajava acompanhado de sua família e de outros seguidores desceu um rio navegável que era chamado de “Grajaú” e quando aportou no lugarejo fundou a povoação Porto da Chapada em 1811.

Rio Grajaú



Fonte: Samara Ramos (2019)

Com ajuda dos índios, Antônio Francisco Reis desceu o rio Grajaú, até o rio Mearim e chegou a fazenda São Bernardo, a partir desse rio continuou a viagem chegando a São Luís, logo depois com o barco carregado de sal, panos, outras mercadorias, além de armas e munições que foi usado para subjugar os índios, pois no regresso ao Porto da Chapada, Francisco dos Reis e seus companheiros massacraram e mataram os índios que os ajudaram.

A exploração da navegação do rio Grajaú trouxe para a localidade um grande desenvolvimento, pois a partir daquele momento São Luís abastecia aquela localidade com produtos essenciais para seu desenvolvimento.

Depois foi construída na localidade a igreja Senhor do Bonfim e, devido a sua importante função comercial no sertão recebeu a denominação de “São Paulo do Norte”. Em 1835 pela Lei provincial nº 7 de 29 de abril foi elevada a categoria de Vila do Senhor do Bonfim da Chapada.

Cidade Grajaú



Fonte: <http://diariodograjau.blogspot.com/>

Catedral Senhor do Bonfim



Fonte: Samara Ramos (2019)

A localidade se tornou bastante desenvolvida, também devido ao intenso trânsito comercial com as povoações vizinhas, como: Riachão, Carolina e São Félix de Balsas, a Lei provincial nº 7 de 31 de agosto de 1841 criou a Comarca da Chapada, composta também pela Vila de Riachão e separada da comarca de Pastos Bons.

Atualmente a cidade de Grajaú está inserida na mesorregião do Alto Mearim e Grajaú.

A importância dos vareiros para a navegação do rio Grajaú.

Os vareiros eram os trabalhadores que empurravam canoas no rio, nesta época a navegação a vapor era utilizada apenas no período mais chuvoso, quando as chuvas terminavam, o leito do rio dificultava a navegação de grandes barcos, no período da seca a navegação era feita em canoas menores que precisavam ser empurradas pelos vareiros.

Esses trabalhadores do rio viviam em situações insalubres, trabalhavam em péssimas condições, e em alguns casos sofriam torturas físicas. Os vareiros transportavam diversos produtos para abastecer a região, como: querosene, remédios, pólvora, e diversos outros produtos, esses homens contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento econômico de Grajaú.

Ver: PACHÊCO FILHO, Alan Kardec Gomes. *Varando Mundos: navegação no vale do rio Grajaú*. EdUema, São Luís, 2016.

Barra do Corda

Um explorador chamado Raimundo Maciel Parente foi quem primeiro fixou moradia na localidade que hoje conhecemos como Barra do Corda, esse explorador subiu um rio que ele posteriormente chamou de corda levando muitos africanos escravizados e nas proximidades deste rio fundou uma fazenda.

Essa localidade por ser escondida pelas florestas era muito isolada, e assim tornou-se um ambiente propício para os senhores de escravos torturarem ou matarem seus escravizados. Essa localidade pertencia a Comarca da Chapada, mas foi desmembrada em 1873.

Vista da cidade de Barra do Corda-Maranhão



Fonte: (EVERTON, 2016, p.36)

O conflito de Alto Alegre.

No ano de 1901 ocorreu em Alto Alegre nas proximidades da cidade de Barra do Corda, um conflito envolvendo padres capuchinos e grupos indígenas (Guajajaras). Os padres com o objetivo de catequizar os índios, fundaram em 1895 o Instituto São Francisco de Assis para meninos de até 14 anos e para educação das meninas foi fundado um outro internato em Alto Alegre.

As crianças foram tiradas de suas aldeias, ficavam distantes de seus pais e passavam por tratamento rígidos, sendo obrigadas a se afastarem de seus costumes e tradições, ainda em janeiro de 1900 houve uma epidemia de sarampo que resultou na morte de 28 meninas índias.

Por conta disso, os índios se rebelaram contra os padres e invidaram a missão e mataram 4 padres e 7 freiras, em repressão a essa atitude dos índios, o estado organizou expedições militares que resultou no assassinato de cerca de 400 a 1000 Guajajara.

Para homenagear o padres e freiras mortos foi construída uma igreja com fotos dos mesmos na fachada, essa atitude preserva até os dias de hoje um forte ressentimento da população de Barra do Corda com os índios.

Igreja em homenagem aos padres e freiras mortos no conflito
(Barra do Corda – Maranhão)



Fonte: <http://www.oprogressonet.com/geral/113-anos-da-revolta-de-alto-alegre/1232.html>

Para aprofundamento da temática:

ZANNONI, Cláudio. *O “massacre de Alto Alegre” na imprensa maranhense*. Geografia, História e Sociologia. Coleção Prata da Casa, n. 3. São Luís: Ed. Imprensa Universitária. 1998.

EVERTON, Carlos Eduardo Penha. *Hoje e amanhã celebri a História para encarar-vos os embates de memória sobre o conflito de Alto Alegre*. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual do Maranhão, 2016.

Documentário: *O “massacre de Alto Alegre”*. Direção Murilo Santos.



GLOSSÁRIO



Capuchinhos: Ordem de padres franciscanos missionários da Itália que no período republicano vieram para o Nordeste do Brasil apoiados pelo Estado com o objetivo de “civilizar” os povos indígenas.

Refleta e responda:



Pesquise o que é etnocentrismo e relacione suas conclusões com os embates entre os padres e os indígenas em Alto Alegre no Maranhão.

Atualmente o sertão do Maranhão é composto pelos seguintes municípios: Alto Parnaíba; Balsas; Feira Nova do Maranhão; Riachão; Tasso Fragoso; Campestre do Maranhão; Carolina; Estreito; Porto Franco; São João do Paraíso; São Pedro dos Crentes; Benedito Leite; Fortaleza dos Nogueiras; Loreto; Nova Colinas; Sambaíba; São Domingos do Azeitão; São Félix de Balsas; São Raimundo das Mangabeiras; Açailândia; Amarante do Maranhão; Buritirana; Cidelândia; Davinópolis; Governador Edison Lobão; Imperatriz; Itinga do Maranhão; João Lisboa; Lajeado Novo; Montes Altos; Ribamar Fiquene; São Francisco do Brejão; São Pedro da Água Branca; Senador La Rocque; Vila Nova dos Martírios Bom Jesus das Selvas; Buriticupu; Arame; Barra do Corda; Fernando Falcão; Formosa da Serra Negra; Grajaú; Itaipava do Grajaú; Jenipapo dos Vieiras; Sítio Novo; Mirador; Nova Iorque; Pastos Bons; Sucupira do Norte.

Capítulo 3

A dinâmica social do sertão maranhense

A sociedade sertaneja teve hábitos e comportamentos que estão presentes até os dias atuais, como, por exemplo: a hospitalidade, as casas do sertão estavam sempre abertas para todos que procuravam; o respeito a palavra empenhada era outro hábito marcante dessa sociedade, os acordos feitos verbalmente eram normalmente cumpridos. Os sertanejos sempre foram apegados a terra, as mulheres possuíam um papel importante na sociedade e eram as principais auxiliares de seus maridos.

As famílias eram inicialmente patriarcais, comandadas pelo fazendeiro, elas viviam sob suas próprias ordens e normas, assim nessa região ocorreram vários conflitos entre as famílias mais ricas pelo controle político da região.

No sertão maranhense praticava-se o “**mandonismo local**”, pois eram os principais líderes locais que controlavam a região, até a segunda metade do século XX o governo estadual não conseguia controlar de forma efetiva essa região.

O sertão era distante das outras regiões do Maranhão, mas não era totalmente isolado, havia além das trocas comerciais outras formas de contato social, por influência das *desobrigas* que eram reuniões anuais organizadas pelos padres, com o objetivo de realizar atividades religiosas, como: missas, confissões, casamentos e batizados. As desobrigas foram importantes pois, reuniam vários proprietários de fazendas e assim caracterizavam-se como uma forma de sociabilidade.

Dentre esses conflitos que mais marcaram o sertão maranhense pelo controle da região foi o ocorrido na cidade de Grajaú conhecido com “Guerra do Leda”, nessa localidade as disputas familiares giravam em torno de duas figuras Leão Rodrigues de Miranda Léda (chefe da família Léda) e Araújo Costa Barros (chefe da família Barros).

Leão Léda se tornou um chefe político influente devido o falecimento do comandante do Partido Liberal da época Francisco Moreira, assim o Partido ficou sob comando do mesmo. As disputas girava entre as duas famílias, uma representante do Partido Liberal (Léda) e outra representante do Partido Conservador (Moreira).

O conflito entre os dois grupos ganhou força, quando o chefe do Partido Conservador sofreu um atentado, (um tiro de raspão) depois das investigações sobre o ocorrido foi concluído que o culpado foi um homem que trabalhava na fazenda de Leão Léda.

Na passagem do período Imperial para o republicano, as disputas continuaram mais violentas, a situação piorou com o assassinato em 1898 do promotor público Estolano Eustáquio Polary, esse crime também foi atribuído pelo então governador do Maranhão Benedito Leite (1906-1908) a Leão Léda.

Foram enviadas forças militares para o sertão, com o objetivo principal de reduzir a influência de Leão Léda na região, apesar de ter organizado um exército particular, Léda teve que se refugiar com seus homens em Boa Vista no atual estado do Tocantins.

Antiga casa de Leão Rodrigues de Miranda Leda- Grajaú (Maranhão)



Fonte: Samanta Ramos (2019)

GLOSSÁRIO

“Mandonismo local”: Conceito está ligado as práticas do coronelismo, em que o poder de uma determinada localidade, estava concentrada nas mãos de um indivíduo (coronel).

“A esfinge do Grajaú”

Por conta dos grandes conflitos pelo controle territorial das famílias no sertão do Maranhão, os quais aconteciam com maior frequência na cidade de Grajaú, o então governador do período José Moreira Alves da Silva (1888), ordenou que Dunshee de Abranches fosse ao sertão maranhense na condição de promotor público de Barra do Corda, com o objetivo de fazer um “inquérito secreto” sobre todos os acontecimentos e crimes ocorridos na região. Buscando de maneira geral, garantir o controle do estado naquela localidade, a missão era se colocar nas palavras do governador como Édipo (da mitologia grega) e desvendar a “esfinge do Grajaú”. Dunshee de Abranches em 1940 escreveu uma obra memorialística, narrando os principais acontecimentos de sua viagem ao sul do Maranhão, e seu encontro com os rivais Leão Rodrigues de Miranda Léda e Francisco de Araújo Costa.

ABRANCHES, Dunshee de. **A esfinge do Grajaú**. 2º ed, Alumar, São Luís, 1993.



Para aprofundamento da temática:

VIEIRA, Layla Adriana Teixeira. A formação sócio-histórica no sertão maranhense: estrutura e dinâmica do agronegócio no município de Grajaú-MA. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2018.

PACHÊCO FILHO, Alan Kardec. “Os abandonados da lei”: política e rebelião no sertão do Maranhão. In: CORRÊA, Helidacy Maria Muniz (Orgs). São Luís 400 anos (con) tradições de uma cidade histórica. São Luís, Café & Lápis, EdUema, São Luís, 2014.

Economia

O processo de “reocupação” do sertão maranhense resultou na construção e instalação de fazendas de gado na região. No início deste processo, ainda no século XVIII existiam aproximadamente 44 fazendas de gado em Pastos Bons, já no final desse processo em 1815 esse número cresceu de forma significativa, chegando a cerca de 120 fazendas conforme dados de Socorro Cabral (2003).

Pasto - (Grajaú- Maranhão)



Fonte: Samanta Ramos (2020)

A pecuária tornou-se atividade econômica dominante, que determinava até a organização social no sertão. As terras que compreendiam a fazenda de gado eram compostas pelos currais para o rebanho, acompanhada de uma casa coberta de palha que servia de moradia para o vaqueiro. O couro era usado na fabricação da maior parte dos objetos domésticos e do trabalho.

A mão de obra predominante nas fazendas de gado e no sertão era a livre, baseada no trabalho do vaqueiro e de alguns auxiliares conhecidos como fábricas, cujo pagamento era feito sob a influência de um contrato firmado apenas pela palavra do fazendeiro e o pagamento podia ser feito anual ou mensalmente. Já o vaqueiro recebia um quarto da produção da fazenda quando somava cinco anos de serviços prestados.

O trabalho do vaqueiro era acompanhar o rebanho nos pastos, amansar os bezerros, cuidar das vacas paridas, matar animais nocivos, como cobras e tratar das enfermidades do gado e cuidavam dos pastos.

O gado era criado de forma extensiva (à solta). Na fazenda era produzido praticamente tudo que era usado pelos sertanejos, desde a alimentação (baseada em carne seca), até o vestuário, praticavam-se a agricultura de subsistência para consumo próprio.

Fazenda de gado - Barra do Corda (Maranhão)



Fonte: Samanta Ramos (2020)

A mão de obra de africanos escravizados foi menos usada na região (em relação a São Luís), conforme Francisco de Paula Ribeiro (um militar viajante que percorreu o sertão, por aproximadamente vinte e cinco anos) afirmou que em Pastos Bons havia menos de mil escravos, dessa maneira a população cativa representava cerca de 20% do total de habitantes.

Existem poucas pesquisas sobre a mão de obra africana no sertão do Maranhão, um trabalho é *Laços de compadrio entre escravizados no sul do Maranhão (1854-1888)* de Antônia de Castro Andrade (2017) que tem como objetivo estudar as relações entre sujeitos escravizados a partir dos laços de compadrio (entre afilhados, padrinhos, madrinhas, comadres e compadres), buscando analisar também os laços de sociabilidade desses indivíduos, essas relações nem sempre eram harmoniosas (já que escravo é propriedade do seu dono), porém não envolviam apenas subordinações mas também de amizades.

Comércio

A pecuária contribuiu de forma significativa para desenvolvimento das relações comerciais no sertão, a região inicialmente comercializava com Pernambuco e Bahia, até 1769 o gado de Pastos Bons era comercializado apenas com a Bahia.

Nessa fase inicial a principal rota terrestre de escoamento de produtos do sertão com São Luís era por Caxias, devido à expansão da pecuária para outras regiões do Maranhão, surgiram novas rotas comerciais, como as de Balsas, Tocantins, Grajaú e Mearim.

A rota do Tocantins conseguiu integrar o sul do Maranhão ao mercado de Belém, e as rotas de Grajaú e Mearim, conseguiram levar as relações comerciais do sertão com São Luís. Já no século XIX foi explorada a navegação do rio Balsas que permitiu as relações comerciais do sertão com Timon no Maranhão, Floriano e Teresina no Piauí.

O sertão maranhense foi por um longo período de tempo carente de estradas, os rios da região eram as principais vias de deslocamento de pessoas e de escoamento de produtos. Foram feitos três projetos fracassados de estradas de ferro para o sertão (percurso Caxias- Cajajeiras; Barra do Corda-Carolina e Engenho central São Pedro do rio Tocantins até a cidade de Porto Franco). Porém, a única que foi concluída foi a estrada de ferro São Luís- Caxias que foi projetada em 1903 e foi inaugurada em 1920.

PACHÊCO FILHO, Alan Kardec. Sertão e litoral: as estradas que não os aproximaram. In: Cury, Cláudia Engler. *O império do Brasil educação, impressos e confrontos sociopolíticos*, EdUema, São Luís, 205

Como já sabemos navegação fluvial foi o instrumento mais usado na região para escoamento de produtos e trocas comerciais, pois as vias terrestres eram precárias. As primeiras estradas foram construídas ainda no período colonial, destas destacamos a que ligava a vila de Pastos Bons à Caxias. Posteriormente, foram construídas outras que ligavam os centros pastoris Carolina, Grajaú e Barra do Corda as feiras de gado em Itapecuru Mirim.

Cultura Letrada

O sertão maranhense é berço de vários intelectuais, poetas, historiadores, dentre outros. Um dos grandes símbolos do letramento na região foi à chamada “Roda de amigos” organizada na cidade de Grajaú por Militão Bandeira Barros, um homem que tinha grande apreço pela leitura e possuía uma rica biblioteca em sua residência.

Militão Bandeira Barros era filho de uma negra e do capitão mor Antônio Bandeira Barros de quem herdou uma grande riqueza em dinheiro, escravos e fazendas de gado em Grajaú, o pai de Militão lhe deu uma excelente educação e o mesmo possuía uma rica biblioteca na localidade.

A “Roda de amigos” era um grêmio literário em Grajaú que reunia homens e mulheres para discutir obras de temáticas diversas (geografia, história, literatura, poesia, dentre outras). Desse grêmio literário destacaram alguns intelectuais, como: Francisco de Araújo Costa, Miguel Olímpio de Carvalho, Raimundo Tavares, Gustavo Tavares, dentre outros.

No sertão ainda tivemos outros intelectuais de destaque como: Orestes Mourão e Manoel Sousa Lima que ficaram bastante conhecidos por publicar poemas no jornal O Norte editado em Barra do Corda.

Outro importante intelectual foi Cândido Pereira de Souza Bispo que nasceu na cidade de Grajaú, estudou em Barra do Corda, foi professor primário, editou o jornal “Os Simples” que circulou até 1818 em Barra do Corda, no Pará editou o jornal “A evolução”, em Altamira fundou um colégio e editou o jornal “Atenas” e de volta ao sertão em 1920 dirigiu o jornal “Eco do Sertão” e juntamente com Isaac Martins organizou uma revista quinzenal intitulada O sertão.

No sertão de Pastos Bons principalmente, na cidade de Grajaú tivemos uma significativa circulação de jornais, tais como: “A Palavra” (primeiro jornal que circulou na cidade de Grajaú), os redatores foram: Egídio Pachêco que era um pequeno empreendedor da região, mecânico e amante da leitura e Gedeão Egito Junior que também amava as letras.

Outro jornal foi “O Telescópio” redigido por Orestes Mourão, Isaac Gomes Ferreira e Luiz Gastão de Oliveira, esse jornal durou pouco tempo. Logo depois tivemos O Grajaú de formato pequeno e de circulação a cada quinze dias e editado por Aníbal Nogueira que era um comerciante da região.

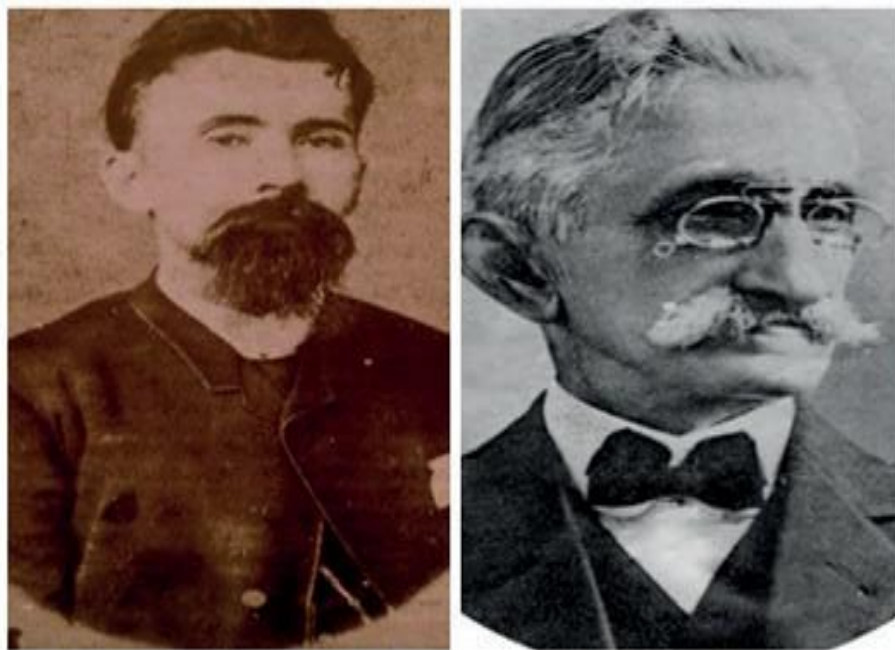
Em 1921 surgiu outro jornal “O Grajaú” do qual foram redatores Camilo Bezerra e Manoel de Sousa Lima, esse jornal foi dedicado aos interesses do sertão, outro jornal que circulou no antigo Porto da Chapada foi “O tempo” dirigido por Camilo Bezerra.

No final do Império e nos primeiros anos da República havia algumas boas escolas no sertão, na cidade de Barra do Corda tivemos a escola Santa Cruz, José Patrocínio, o externato de Osório Anchieta, Ateneu maranhense e Frederico Figueira. Na cidade de Grajaú destacou-se a escola Educandário Sagrada Família e o externato Coração de Jesus. Em Carolina tivemos: os colégios Carolinense, Progresso e Renascença.

Por conta dessa grande intelectualidade da região houve uma intensa propaganda republicana no sertão, um exemplo foi à chamada “República de Pastos Bons” que foi um movimento que aconteceu em 1827 nessa vila, inspirada em ideais republicanos. Esse movimento convidava os sertanejos a proclamar uma república nessa região. Os líderes desse movimento foram João da Costa Alecrim, Militão Bandeira Barros, Francisco Germano Moraes e Diogo Lopes de Araújo.

No final do período imperial reacende no sul do Maranhão o movimento republicano, agora destacamos outras figuras importantes: Isaac Martins, Dunshee de Abranches, Frederico Figueira e Rocha Lima, os quais defendiam de maneira geral o fim da monarquia e a autonomia municipal

Isaac Martins e Frederico Figueira



Fonte: www.turmadabarra.com.br

O centro principal de propagação dos ideais republicanos foi Barra do Corda. Em 12 de novembro de 1888 começou a ser editado o jornal, O Norte, maior propagador da República no sertão maranhense um ano antes da proclamação da mesma em 15 de novembro de 1889.

Jornal O Norte



Fonte: www.turmadabarra.com.br

Capítulo 4

A emergência do sertão

Você já conheceu um pouco da formação social, econômica do sertão do Maranhão, agora vamos conhecer de que maneira essa região estava inserida na virada do século XVIII para o XIX na política portuguesa do “Reformismo Ilustrado”.

O sertão maranhense entre os séculos XVIII e XIX também foi destino de diversas viagens que tinham como objetivo explorar e conhecer o território sertaneja. Passaram pela região nesse período: Vicente Jorge Dias Cabral; João Pereira Caldas; Sebastião Gomes da Silva Belford; Francisco de Paula Ribeiro, entre outros. Esses viajantes registraram diversos aspectos do sertão (sociais, culturais, econômicos e geográficos).

A literatura de viagem se constitui como uma rica fonte de pesquisa e informação para o historiador, pois os viajantes deixavam seus estudos e observações normalmente em forma de memórias, diários, relatórios, iconografias (imagens) e mapas.

O período de transição do século XVIII para o XIX foi marcado pelas viagens científicas, também conhecidas como “**viagens filosóficas**”. Nesse momento a Europa estava sofrendo influência de dois movimentos, que você já deve conhecer bem, o “Iluminismo” e a “Revolução francesa”.

GLOSSÁRIO



Viagem filosófica: expedição que objetivava promover o avanço da ciência, a partir da exploração dos produtos dos três reinos da natureza (animal, vegetal e mineral).

Nessa época o desenvolvimento da ciência era chave para o crescimento das nações europeias, como já estudamos o iluminismo e a revolução francesa surgiram com severas críticas à sociedade do “**antigo regime**” e ao “**absolutismo monárquico**”.

Em Portugal temendo que os ideais de liberdade chegassem ao seu território e suas colônias, foi adotada a política do “**Reformismo Ilustrado**” também conhecido como “**despotismo esclarecido ou ilustrado**”, essa política objetivava de maneira geral a manutenção do império português.

GLOSSÁRIO



Antigo regime: Organização política e social francesa que consistia no poder todo concentrado nas mãos de um monarca (rei).

Absolutismo Monárquico: Teoria política que defendia toda a concentração de poder de uma nação nas mãos do rei.

Reformismo Ilustrado: Adoção de uma política de reformas que buscavam a manutenção da ordem vigente com influência do desenvolvimento da ciência.

Despotismo esclarecido ou ilustrado: política aliada com ideais do Iluminismo.

Essa política começou a ser praticada por Sebastião Carvalho Melo (Marquês de Pombal), que contratou diversos professores para trabalhar na Universidade de Coimbra, dentre eles o italiano Domingos Vandelli, que reformou a Universidade em 1772.

Domingos Vandelli



Fonte: <http://ligadosnaquimica4tata.blogspot.com/2014/10/domingos-vandelli.html>

Nessa reforma foi inclusa a disciplina de Filosofia Natural (que consistia nos estudos dos três reinos da natureza) e essa disciplina tornou-se obrigatória para qualquer aluno que frequentasse a Universidade após 1772.

Outra figura importante do “Reformismo Ilustrado” português foi D. Rodrigo de Sousa Coutinho que deu continuidade as reformas científicas em andamento, quando assumiu o Ministério da Marinha e Negócios Ultramarinos em 1796.

A política de Rodrigo Coutinho foi absorver os alunos recém-formados na Universidade de Coimbra para coordenar “viagens filosóficas”. Para o sertão maranhense o governador D. Diogo de Sousa enviou Vicente Jorge Dias Cabral, para encontrar o padre Joaquim José Pereira em 1800 e iniciarem a viagem.

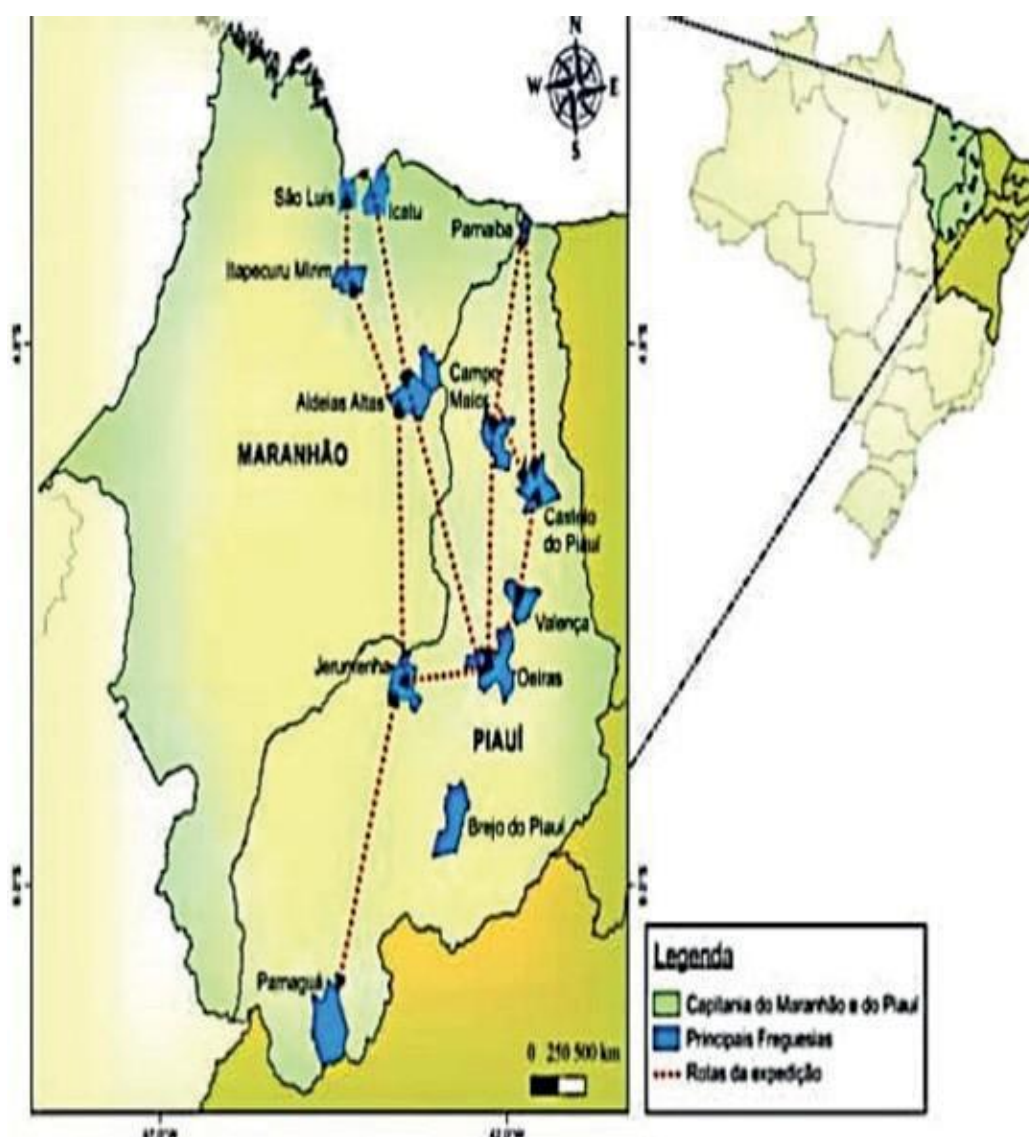
Vicente Jorge Dias Cabral: nasceu em Tejuco (atual Diamantina) Minas Gerais, filho de Thomas Pereira Cabral, estudou Filosofia e Direito na Universidade de Coimbra depois da reforma e estava em São Luís trabalhando como advogado e responsável pelo horto botânico da cidade.

Joaquim José Pereira: também conhecido como vigário de Valença, o padre tinha um grande conhecimento sobre o sertão maranhense.

Os dois percorreram juntos algumas localidades como: Icatu; Aldeias Altas; Brejo do Piauí; Oeiras; Valença; Campo Maior e Parnaíba, em busca do salitre que era o produto essencial para a produção de pólvora (mistura de salitre, enxofre e carvão) no período, e outros produtos dos três reinos da natureza.

O território do Piauí estava anexado a capitania de Pernambuco até a virada do século XVII para o XVIII, e posteriormente seguindo ordens reais que foram dadas ao governador de Pernambuco para anexar a capitania do Piauí ao Maranhão, assim ocorreu a divisão das capitanias em duas: Estado do Maranhão e Piauí com sede em São Luís e com o governador D. Diogo de Sousa e Estado do Grão Pará e Rio Negro com sede em Belém.

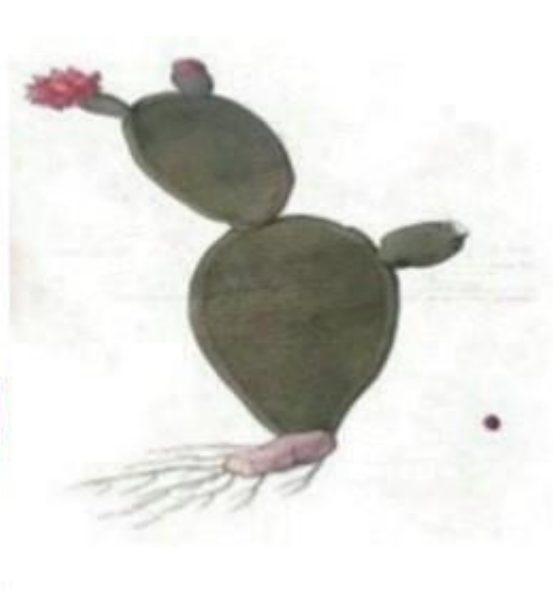
Roteiro da viagem de Vicente Jorge Dias Cabral



Fonte: (CHAVES, 2018, p.60)

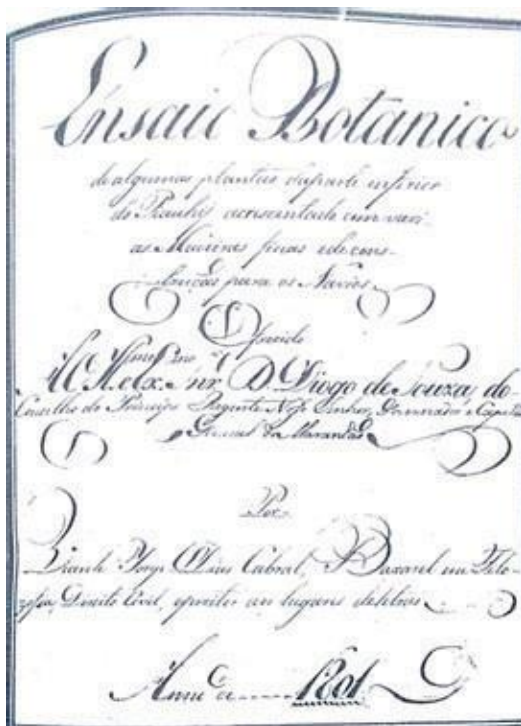
No sertão maranhense não foi encontrado salitre em abundância, no entanto foi explorada de maneira significativa dois produtos naturais, uma planta medicinal denominada de *quina* que era muito usada para tratamento de febres e o inseto *cochonilha* que habitava em cacto denominado de Palmatória e esse inseto produzia uma tinta de cor carmim (vermelho), todos esses produtos poderiam ser usados no comércio para Portugal.

Planta Quina e Palmatória



Fonte: Plantas do Brasil. Flora económica do Brasil no século XVIII. Plantas do Maranhão e Piauí. Lisboa: Instituto de investigação Científica Tropical; Chaves Ferreira Publicações; Museu e Jardim Botânico; Museu Nacional de História Natural, 2002.

Ao fim dessa expedição em 1802 Vicente Jorge recebeu como recompensa o cargo de professor no Convento nossa senhora do Carmo e o vigário terminou doente dos olhos, os dois não conseguiram publicar seus escritos de viagem.



Um dos documentos produzidos por Vicente Jorge Dias Cabral na “viagem filosófica”



Para aprofundamento da temática:

JÚNIOR, Flávio Pereira Costa. **Um Maranhão ilustrado? História e natureza na correspondência entre D. Rodrigo Coutinho e D. Diogo de Sousa (1798-1801)**, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.

RAMOS, Samara de Almeida. **Vicente Jorge Dias Cabral: um viajante ilustrado no sertão do Maranhão**. Monografia (Graduação em História), Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2017.

CHAVES, Mariana Lopes. **Em busca de riquezas para o império: Reformismo Ilustrado português, os naturalistas e a expedição pela capitania do Maranhão e do Piauí (1796-1803)**, Monografia (graduação em História), Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2018.

GALVES, Marcelo Cheche. Saberes e impressos, correspondências e expedições científicas: A capitania do Maranhão e reformismo ilustrado na virada para os oitocentos. **Outros Tempos**, vol. 11, p. 119-136. 2014.



Refleta e responda:

Pesquise algum viajante que percorreu o sertão do Maranhão (Paula Ribeiro, Sebastião Gomes Belford, João Pereira Caldas) e produza um pequeno texto referente as suas viagens.

Atualmente a exploração natural no sertão é feita pelo agronegócio.



GLOSSÁRIO

AGRONEGÓCIO: exploração mecanizada da agricultura

Em Grajaú, como em todo sertão maranhense, a pecuária perdeu espaço para o agronegócio, a economia neste município se dá em torno da exploração alguns produtos, como: eucalipto; gipsita (produção de gesso e derivados), soja, arroz e milho. Porém o avanço do agronegócio tem trazido grandes problemas ambientais, como: danificação da fauna e flora da região, infertilidade dos solos, diminuição nos nível dos rios e queimadas.

VIEIRA, Layla Adriana Teixeira. **A formação sócio-histórica no sertã maranhense: estrutura e dinâmica do agronegócio no município de Grajaú-MA.** Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2018.

Plantação de Soja - Grajaú (Maranhão)



Fonte: Samara Ramos (2019)

Reflita e responda:

Pesquise e escreva um pequeno texto sobre os impactos negativos do agronegócio no sertão do Maranhão.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos com este paradidático uma melhor compreensão da História do Maranhão, para que consigamos entender que possuímos uma rica história que compõe os importantes acontecimentos ocorridos no sul do Maranhão. Assim, conhecemos como se deu o processo de “reocupação” deste espaço; o surgimento das primeiras cidades da região; a sociedade sertaneja; a economia; a cultura letrada; o conflito de Alto Alegre e a guerra do Léda. Em resumo, um pouco do nosso “sertão de águas”. E para além disso, esse material tem como meta contribuir na formação continuada de professores. Dessa maneira, pesquisem as indicações de leituras propostas no seu livro.

REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Dunshee de. A esfinge do Grajaú. 2º ed, Alumar, São Luís, 1993.
- AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. Estudos históricos, v. 08, n.15, pp. 145-151, Rio de Janeiro, 1995.
- ANDRADE, Antônia de Castro. Laços de compadrio entre escravizados no sul do Maranhão (1854-1888). Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.
- BERFORD, Sebastião Gomes da Silva. Roteiro e mapa da viagem da cidade de São Luís do Maranhão até a Corte do Rio de Janeiro. Imperatriz, Ética, 2008.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História Sociedade e Cidadania, 2 ed, São Paulo, FTD, 2016.
- BONATO, Tiago. O olhar da descrição: a construção do sertão no nordeste brasileiro nos relatos de viagem no final do período colonial (1783-1822), Curitiba, 2010.
- CABRAL, Maria do Socorro Coelho. Caminhos do gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão. 2 ed, EDUFMA, São Luís, 2008.
- CALDAS, João Pereira. Roteiro do Maranhão a Goiás pela capitania do Piauí. Rio de Janeiro: Revista IHGB, Tomo LXII, Parte I, 1900.
- CARDOSO, Clodoaldo. Municípios maranhenses: Pastos Bons. Serviço Gráfico de IBGE, Rio de Janeiro, 1947.
- CARVALHO, Carlota. O sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil. EDUFPI, Teresina, 2011.
- CHAVES, Mariana Lopes. Em busca de riquezas para o império: Reformismo Ilustrado português, os naturalistas e a expedição pela capitania do Maranhão e do Piauí (1796-1803), Monografia (graduação em História), Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2018.
- CUNHA, Euclides da. Os sertões (campanha de Canudos). Tecnoprint gráfica editora, Rio de Janeiro, 1902.
- DINO, Sálvio. Parsondas de Carvalho um novo olhar sobre o sertão. Ética, Imperatriz, 2007.
- EVERTON, Carlos Eduardo Penha. Hoje e amanhã celebri a História para encarar-vos os embates de memória sobre o conflito de Alto Alegre. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual do Maranhão, 2016.
- FEREIRA, Luiz Alberto. Os clubes republicanos e a implantação da república no Maranhão (1888-1889). In: COSTA, Wagner Cabral da. História do Maranhão: novos estudos. São Luís, Edufma, 2014, pp.205-230.

FRANKLIN, Adalberto. Carlota Carvalho Perfil Biográfico. In: CARVALHO, Carlota. O sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil. EDUFPI, Teresina, 2011.

_____; CARVALHO, João Renôr F. de. Francisco de Paula Ribeiro; desbravador dos sertões de Pastos Bons: a base geográfica e humana do sul do Maranhão. Imperatriz, Ética, 2007.

JÚNIOR. Flávio Pereira Costa. Um Maranhão ilustrado? História e natureza na correspondência entre D. Rodrigo Coutinho e D. Diogo de Sousa (1798-1801), Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.

LYRA, Maria de Lourdes Viana. A utopia do poderoso império: Portugal e Brasil bastidores da política 1798-1822, Rio de Janeiro, Sete letras, 1994.

PACHÊCO FILHO, Alan Kardec Gomes. Varando Mundos: navegação no vale do rio Grajaú. EdUema, São Luís, 2016.

_____. A ocupação para fins de colonização do sertão maranhense. In: FERREIRA, Márcia Milena (Orgs). Histórias sociais do trabalho: uso da terra, controle e resistência. Café & Lápis, EdUema, São Luís, 2015.

_____. “Os abandonados da lei”: política e rebelião no sertão do Maranhão. In: CORRÊA, Helidacy Maria Muniz (Orgs). São Luís 400 anos (con) tradições de uma cidade histórica. São Luís, Café & Lápis, EdUema, São Luís, 2014.

PEREIRA, Paulo Eduardo de Sousa. Entre fronteiras: o Arraial do príncipe regente e o devassamento no Alto Itapecuru no século XIX. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual do Maranhão, 2016.

RAMINELLI, Ronald. Viagens ultramarinas: monarcas, vassalos e governo a distância. Alameda, São Paulo, 2008.

RAMOS, Samara de Almeida. Vicente Jorge Dias Cabral: um viajante ilustrado no sertão do Maranhão. Monografia (Graduação em História), Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2017.

RIBEIRO, Francisco de Paula. Descrição do território de Pastos Bons nos sertões do Maranhão. In: FRANKLIN, Adalberto; CARVALHO, João Renôr F. de. Francisco de Paula Ribeiro; desbravador dos sertões de Pastos Bons: a base geográfica e humana do sul do Maranhão. Imperatriz, Ética, 2007.

SOUZA, Candice Vidal de. Fronteira no pensamento social brasileiro: o sertão nacionalizado. Sociedade e Cultura Revista de Pesquisas e debates em Ciências Sociais, Belo Horizonte, pp 55-61, 1998.

_____. Ver o Brasil, pensar a nação. In: GALVES, Marcelo Cheche; CURY, Cláudio Engler; Faria, Regina Helena (Orgs). O império do Brasil Educação, Impresses e Confrontos Sociopolíticos. São Luís, EdUEMA, 2015.

VIEIRA, Layla Adriana Teixeira. A formação sócio-histórica no sertão maranhense: estrutura e dinâmica do agronegócio no município de Grajaú-MA. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2018.



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

PPGHIST

Programa de Pós-Graduação em História - UEMA



EMPeS

Núcleo de Estudos sobre o Maranhão
Memória, Política e Sertão

Diagramação:

Artêmio Macedo Costa